

# **Rádio Yandê: configurações de uma webradio indígena brasileira em ambiência etnomidiática <sup>1</sup>**

Raquel Gomes CARNEIRO<sup>2</sup>  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

## **Resumo**

O presente texto apresenta reflexões acerca da Rádio Yandê, uma webradio indígena brasileira produzida e veiculada exclusivamente por sujeitos comunicacionais indígenas. Para fazer etnomídia indígena, o correspondente se apropria e utiliza a tecnologia como sua “flecha digital” e dispara informações que vão tecendo, com sua própria voz, redes comunicacionais. Desejam ocupar espaços, transformar, amplificar e reforçar processos políticos, econômicos, sociais e culturais, preservando saberes ancestrais e ressignificando suas identidades ao exercer sua cidadania comunicativa.

**Palavras-chave:** Rádio Yandê; etnomídia indígena; cidadania comunicacional; webradio.

## **Introdução**

A *etnomídia indígena* é hoje um fazer comunicacional que luta pela liberdade de expressão e ao direito à informação produzida e veiculada *por e para* indígenas e não indígenas, direitos instituídos por leis, decretos e regulamentações de um Estado que insiste em desrespeitá-los. No entanto, a partir dos erros e das crises se percebe as potencialidades para modificar os lugares de ver, de pensar e de dizer. Nesse cenário, a Rádio Yandê, autodenominada “*a primeira webradio indígena do Brasil*”, propõe a produção de conteúdos multimidiáticos elaborados exclusivamente por *sujeitos comunicacionais indígenas*. As apropriações de novas tecnologias, utilizadas por seus correspondentes em todo país como *flechas digitais*, disparam informações que tecem redes comunicacionais, ações com o objetivo de remover as antigas formas e poderes

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação Midiática de XIX Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Comunicação PPGCCOM/Unisinos. Integrante do Grupo de Pesquisa PROCESSOCOM, email: raquel.gomes.carneiro@gmail.com.

mediáticos hegemônicos de informar a realidade, mas que também se deparam com um desafio constante: como exercer uma cidadania comunicacional, que rompa com a desigualdade gerada na colonização e que continua a criar panoramas de *etnocídio* e de negação da dignidade do cidadão indígena?

Desde os anos 1970 e 1980, a comunicação indígena brasileira lida com o desafio de construir uma comunicação não apenas institucional, para a difusão de organizações indigenistas, mas com o propósito de consolidar uma produção multimidiática de conteúdos políticos, sociais, culturais e de resistência. A partir de dificuldades multiculturais, movimentos comunicacionais surgem para demarcar territórios com sua própria palavra, como argumenta Boaventura Sousa Santos (2015), emergindo conhecimentos da luta como criação e validação dos saberes, numa tentativa anti-imperialista dos povos indígenas de combate às injustiças do capitalismo e do patriarcado.

Nesse período, ainda que em parcerias com entidades religiosas, comunidades e suas lideranças já apresentavam seus anseios e reivindicações, como os que estamparam o primeiro número do “Luta Indígena”, de 1976, produzido pelas comunidades Kaingang, Xokleng e Guarani do Sul do país, com o apoio de três missionários da região. O informativo propunha construções etnomidiáticas, o que significa dizer oportunizar elaborações de narrativas contadas pelas próprias vozes indígenas. No trecho, um exemplo da cidadania comunicativa exercida em uma mensagem aos “patrícios índios”, parte do conteúdo de uma das tantas cartas entregues ao então presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em Brasília, Ismarth de Araújo Oliveira:

Nossa terra é muito cobiçada por maderero e os colonos apoiados pelo sindicato e políticos. Agora nós estamos estudando nosso direito pela lei e nós mesmos venceremos com palavras de verdade. Pra acaba com esses intruso nois viemos fazê queixa com nosso governo aqui do centro porquê aqui não convêm fazê força com armas, porque a arma que nós tem é a nossa lei. Dentro da nossa área quem manda é o índio. (...) Nós índio já vivemo muitos anos com o civilizado, temo nossas escolas, tem patrício nosso que é professor e ensina as crianças o nosso idioma, dos mais véio muitos fazendo mobral, e nós achamo que temos o direito de ser brasileiro como qualquer outro (Centro de Referência Virtual Indígena, 2017)<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> O Luta Indígena está disponível na Hemeroteca Indígena que compõe o Centro de Referência Virtual Indígena no site Armazém da Memória. Disponível em: < <http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=HemeroIndio&PagFis=4381>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

Em meio à informativos, jornais e folhetins produzidos por comissões e equipes formados por não indígenas, se destacavam produções midiáticas nas quais proporcionavam espaços para que o cidadão indígena pudesse contar sobre si mesmo, como o *Informativo Grumim*, da comunidade Potiguara, da Paraíba, pertencente ao Grupo Mulher de Educação Indígena, o *Jornal Hutukara*, uma publicação do povo Yanomami e o *Jornal Indígena*, uma publicação da Coordenadoria Regional Sul da União das Nações Indígenas (UNI), com sede no Departamento de Comunicação em Perdizes, São Paulo. O primeiro número, publicado em julho de 1984, continha textos redigidos em português por Aílton Krenak, Álvaro Tukano e Catarina Guarani. Ao final de cada texto, o leitor tinha acesso a um vocabulário com as expressões indígenas utilizadas. Na edição de estreia, Álvaro Tukano destaca o quão significativo é comunicar na própria língua, no texto “A Importância da Comunicação”:

(...) Veja bem como é intransigente a língua do branco; está nos livros, nas rádios, na TV. Então temos que defender a nossa língua, o nosso povo, a nossa terra que é mais importante que o próprio dinheiro. Defender a terra significa amar a liberdade, viver com autonomia; ter a paz ou busca-la quando preciso por mais que esta nos custe (Trecho retirado do *Jornal Indígena*, nº1, p.4. Centro de Referência Virtual Indígena, 2017)<sup>4</sup>.

O custeio da edição e impressão, os obstáculos na distribuição do jornal e a limitação da linguagem escrita motivaram a UNI a rever a eficácia desse meio e discutir novas formas de comunicação. Dessa maneira, um ano depois, em junho de 1985, Aílton Krenak e Álvaro Tukano unem-se a Biraci Yawanawá, e juntos colocam no ar, pelos 93,7 MHz da Rádio USP de São Paulo, a primeira edição do *Programa de Índio*. Eram três cidadãos de etnias, língua-materna e pensamentos distintos com a intenção de promover o diálogo durante 30 minutos. Os depoimentos e entrevistas com lideranças indígenas importantes na época eram gravados, muitas vezes, nos encontros e eventos que aconteciam nas próprias comunidades, muitas delas incomunicáveis para suas necessidades mais básicas. Promoviam o debate intercultural trazendo para as discussões em estúdio, políticos, estudiosos, aliados, intelectuais, não se tratando de assimilar à cultura dominante, como nos lembra Adela Cortina (2005), mas de construir no diálogo

---

<sup>4</sup> Alguns números do *Jornal Indígena* estão disponíveis na hemeroteca indígena do Armazém da Memória. Disponível em: < <http://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=HemeroIndio&PagFis=4381> >. Acesso em: 10 de maio de 2018.

a inter-relação de sabedorias múltiplas, conservando a diversidade de suas identidades culturais.

Entre 1985 e 1990, foram mais de 200 programas produzidos, sendo interrompido por duas vezes nesse período em razão das mudanças na direção da Rádio USP. O *Programa de Índio* também foi distribuído por emissoras comunitárias e educativas, como a Rádio da Universidade de Santa Maria (RS), a Rádio EFEI (MG) e a Rádio Kaiowas (MS). Embora a perda de muitos programas ao serem passados das fitas de rolo de três metros para fitas cassete, em razão da falta de recursos, o acervo foi recuperado e digitalizado entre 2008 e 2009 dentro de um projeto patrocinado pelo Edital da Petrobras Cultural (PAPPIANI, 2012).

Um pouco mais de três décadas depois, o *Programa de Índio*, experiência em formato pioneiro no rádio para os povos indígenas brasileiros, se torna inspiração para iniciativas elaboradas pelo cidadão indígena que acompanha as inovações tecnológicas e que traz hoje suas competências, oralidades e saberes ancestrais para as redes digitais. As narrativas políticas, sociais e culturais geram a produção de conteúdos hipermidiáticos em distintas ambiências e atravessados por variados gêneros, como é a proposta da Rádio Yandê, uma webradio indígena construída com inspiração no projeto comunicacional de Aílton Krenak, Álvaro Tukano e Biraci Yawanawá e que atualmente transmite em sua programação, o acervo do *Programa de Índio*.

### **O modo tradicional agora em formato digital**

Para o desenvolvimento humano do cidadão indígena é imprescindível promover a participação e inclusão dos povos, através de suas oralidades e práticas ancestrais, permitindo o pertencimento, a identificação, o compartilhar de valores comuns, o respeito ao território. E, pensando na importância da apropriação do processo da comunicação e não unicamente na propriedade dos meios comunicacionais, a Rádio Yandê surge em 19 de novembro de 2013 como um espaço na web para a construção de atividades e narrativas exclusivamente por *sujeitos comunicacionais indígenas*, onde é possível ao ouvinte identificar modalidades de comunicação local preservados nas músicas, nos depoimentos, em entrevistas e em coberturas jornalísticas veiculados nas línguas originárias.

O projeto de fazer uma webradio indígena nasceu da amizade entre três etnias distintas: o ativista e comunicador Anápuáka Muniz Tupinambá Hã Hã Hãe, a jornalista

Renata Tupinambá e o artista plástico e designer Denilson Baniwa, após muitos encontros em movimentos indígenas no Rio de Janeiro, cidade sede da RádioYandê. Autodenominados *indígenas em contexto urbano*, eles explicam que saíram durante a infância e adolescência de suas aldeias para estudar e trabalhar nas cidades, e que utilizam de seus conhecimentos e do potencial das redes digitais para expandir e promover as inter-relações com as comunidades e incentivá-los na elaboração de seus próprios espaços de fluxos informacionais (CASTELLS, 2013).

Para que a Rádio Yandê entrasse “no ar”, Anápuáka e Denilson foram até o Museu de Arte, localizado na zona portuária do Rio de Janeiro. Utilizando o sistema *wi-fi* de internet da instituição, iniciaram o *upload* das primeiras músicas para a website. Com a intenção de operar via *streaming* durante 24 horas, encontraram dificuldades na elaboração de um banco de dados e informações produzidas exclusivamente por indígenas e que preenchesse a programação, afinal não tinham contato com a diversidade de *parentes* existentes no país, o que significa dizer hoje 305 etnias e 274 línguas de acordo com o último Censo 2010, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>5</sup>. A alternativa foi a decupagem de trilhas sonoras de documentários, filmes e programas de TV, depoimentos, pequenas falas e entrevistas. A transmissão do sinal da Rádio Yandê é realizada do apartamento de Anápuáka, no bairro carioca Estácio, local onde inicialmente as reuniões de pauta também foram articuladas. Atualmente, recebem áudios de distintas qualidades e formatos, através de aplicativos, redes sociais e de e-mails de artistas indígenas de todo o país, compondo uma *playlist* que promove o conhecimento musical e cultural também de etnias da América Latina, Central, Estados Unidos, Canadá e Austrália.

Embora o objetivo inicial da Rádio Yandê fosse o de tornar-se um meio na web para que diferentes artistas indígenas tivessem a oportunidade de divulgação de seus trabalhos musicais, Anápuáka, Denilson e Renata sentiram a necessidade de construir uma identidade ao fazer comunicação. Propõem, então, um fazer comunicacional multimidiático que requer concepções que procurem compreender a multidimensionalidade e a transdisciplinaridade das quais nos fala Maldonado (2013), a diversidade cultural, a multiplicidade linguística e discursiva, a riqueza psíquica e caráter constitutivo e revolucionário tecnológico da linguagem articulada ao tempo/espço digital de tais sujeitos históricos.

---

<sup>5</sup> Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/graficos-e-tabelas-2.html>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

Comunicar *com e para* a diversidade cultural de etnias indígenas, em algum momento, deve convergir aspectos comunicacionais. Com este raciocínio, Anápuáka Tupinambá observava os processos comunicacionais ao visitar as comunidades, seja para a realização de curtas-metragens ou para palestras e oficinas de etnomídia indígena ministradas pela webradio. Para construir a comunicação, se aproximava de jovens indígenas da mesma etnia:

Eu preciso entrevistar aquela liderança, você pode nos ajudar a chegar até ela? Quando conseguia conversar com aquela pessoa, ao final, eu perguntava sempre: “você concorda com isso? É essa informação que você quer transmitir aos outros? (TUPINAMBÁ, 2017)<sup>6</sup>

A partir de tais experiências, os movimentos comunicacionais da *Rádio Yandê* partem do diálogo, do debate e da inter-relação com a pluralidade de comunidades, nas quais se inserem cidadãos indígenas ouvintes/produtores. O que significa, pensando a partir de Mattelart (1980), ser impossível compreender o presente comunicológico sem situar os sujeitos em seus processos históricos. O discurso retorna para a aldeia em células de informação que ganham vida, estimulando o cidadão indígena a colocar fim nas reproduções fictícias conotadas dele mesmo por conglomerados midiáticos oligopólicos.

A frase slogan utilizada pela webradio “*o modo tradicional indígena agora em formato digital*”, traduz a tessitura de uma artesanias comunicacional (MILLS, 1980) tramada diariamente no respeito às oralidades e aos saberes tradicionais, compondo uma rede comunicacional que conta com 800 colaboradores em todo o país. Coordenados por uma “chefe de reportagem” regional, cada localidade apresenta sua própria linguagem e forma de coordenação. Os conteúdos e informações multimídia apurados e produzidos pelos *correspondentes*, também fontes para publicações na website e nas redes digitais da *Rádio Yandê*, são compartilhadas através de redes de comunicação constituídas por aplicativos, como o *Whatsapp* e redes sociais, como o Facebook e Instagram. Para Canclini (1998) são movimentos comunicacionais capazes de promoverem (re) localizações territoriais de velhas e novas produções simbólicas de diferentes etnias, ao articularem novas conexões em território nacional e internacional, expandindo a webradio para dois milhões de ouvintes em 40 países.

O objetivo de reportar suas narrativas vem do desejo de romper com discursos de estereótipos e preconceitos que insistem na fragilidade, temporalidade e espacialidade de

---

<sup>6</sup> Trecho da entrevista em profundidade realizada com um dos fundadores da Rádio Yandê e que integrará a pesquisa de mestrado em andamento. Em breve, o áudio estará disponível para audição.

suas culturas. Ao ser utilizada por sujeitos comunicacionais indígenas, a tecnologia é como uma *flecha digital*<sup>7</sup> que dispara informações e, que no seus percursos, tecem movimentos de micro-resistência e estabelecem micro-liberdades para demover as fronteiras verdadeiras da dominação dos poderes. Enquanto a sociedade brasileira persiste em cristalizar a imagem do “índio” romantizado na literatura do século XIX, sinônimo de submissão e conformismo com as expectativas do colonizador/saqueador, se configuram hoje, não apenas sujeitos coletivos que dinamizam e potencializam suas práticas sociais através das tecnologias da informação, mas sujeitos comunicacionais que subvertem as leis, as práticas e as representações, através de “maneiras de utilizar” plurais e criativas, metaforizando a ordem dominante e a fazendo funcionar em outros registros (CERTEAU, p.94, 2003):

Temos como objetivo a difusão da cultura indígena através da ótica tradicional, mas agregando a velocidade e o alcance da tecnologia e da internet. Nossa necessidade de incentivar novos "correspondentes indígenas" no Brasil, faz com que possamos construir uma comunicação colaborativa muito mais forte, isso comparada as mídias tradicionais de Rádio e TV. Estamos certos, de que uma convergência de mídias é possível, mesmo nas mais remotas aldeias e comunidades indígenas, e que isso é uma importante forma de valorização e manutenção cultural” (A *Rádio* em Rádio Yandê, 2017)<sup>8</sup>.

No tocante ao conceito de webradio, consideramos as propostas de Luiz Arthur Ferraretto (2010), ao definir como um tipo de emissora que dispõe seu conteúdo e suas transmissões exclusivas pela internet, bem como de Nair Prata (2013), ao se referir a um modelo de radiofonia genuinamente digital acessado por computadores e smartphones, “sintonizado” por um endereço na internet e com abrangência universal. A sua exploração não está mais nas mãos da concessão governamental, mas nasce da livre iniciativa de seus proprietários. Para Ferraretto (2010), a internet beneficia o rádio porque além de substituir o sistema hertz, permite o acesso de qualquer emissora pelo celular. É um conteúdo que pode ser escutado a qualquer hora pelo *Rich Site Summary* (RSS), um agregador de conteúdos em site de notícias e blogs, possibilitando receber as atualizações. O *iTunes* e *Winamp* são agregadores utilizados pela *Rádio Yandê* e ficam no topo da página de

---

<sup>7</sup> Cacique Pawana Crody, da etnia Kariri Xokó, é integrante do Grupo Sabuká. Ao conversamos informalmente, antes de uma das apresentações do grupo em Campinas, em maio de 2017, ele chamou o seu *smartphone* de *flecha digital*. Há um vídeo no YouTube em que ele fala dos usos e apropriações das tecnologias pelos povos indígenas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RN2PWL3b5JY>. Acesso em: 30 de dezembro de 2017.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://radioyande.com/>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

abertura da webradio. Também é possível ouvi-la pelo aplicativo para smartphone disponível para *iPhone*, *Android* e *Windows Phone*.

Ao navegar pela *homepage*, o internauta tem a possibilidade de explorar conteúdos dispostos em categorias, como por exemplo a chamada *World*. Nessa seção, textos e artigos disponibilizados em traduções para o inglês e espanhol. A página contém ainda subcategorias com o nome de diversos países, como Chile, Colômbia, Equador, bem como expressões temáticas, como *Indigenous Land*, *Indigenous Education*, *Brutally Killed*. A intenção é a de amplificar vozes em um ato de mediação, o que para Martín-Barbero (2014) significa construir e estabelecer inter-relações entre cidadãos indígenas que compartilham de realidades e problemáticas em comum ao redor do mundo.

Um dos banners de destaque da página convida o “ouvinte” a anunciar na webradio, atualmente mantida de maneira totalmente independente, contando apenas com a colaboração de seus fundadores e com a venda de produtos com o logotipo, como camisetas e bolsas.



**Figura 1: Página Principal da Rádio Yandê**  
*Fonte: Rádio Yandê<sup>9</sup>*

A página propõe uma interface simples com elementos narrativos que oferecem texto, vídeo, áudio e som. As narrativas da internet podem ter, como aponta Salaverría (2015), oito tipos de componentes separados ou dispostos de maneira integrada: texto, fotografia, gráficos, iconografias, ilustrações estáticas, vídeo, animação digital, discurso oral, música e efeitos sonoros e vibração.

<sup>9</sup> Disponível em: < <http://radioyande.com/>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

Logo que a página é aberta, a *playlist* inicia automaticamente e, através do som, o ouvinte é geralmente “transportado” para os ambientes das aldeias e comunidades indígenas. Isso porque, exceto as poucas gravações de artistas indígenas realizadas em estúdio, o conteúdo sonoro é veiculado sem tratamento especial, do modo como foi recebido pelos comunicadores em diferentes mídias, o que significa dizer que entrevistas, depoimentos e músicas foram captados por diferentes equipamentos e em ambientes diversos. É possível, por exemplo, escutar a fala de um pajé em sua língua originária, sem traduções e ao fundo, ouvir o canto dos passarinhos. Assim, o ouvinte tem a oportunidade de uma experiência estética sonora na qual os ruídos compõem construções culturais, políticas e ideológicas que se tornam mensagens (KRAPP, 2011).

Como qualquer rádio do dial que estimula a participação dos ouvintes, a *Rádio Yandê* incentiva não apenas a contribuição com conteúdo, mas o pedido de músicas através de seus canais de comunicação. Na coluna “*Top 10 Yandê + Pedidas*”, localizada à direita da página há uma seleção dos sons mais tocados na webradio, como a canção *Povos Unidos*, da cantora e compositora Djueña Tikuna, também colaboradora da webradio e indicada em abril de 2018 ao *Indigenous Music Awards*, maior premiação musical indígena do mundo que acontece anualmente em Winnipeg, no Canadá.

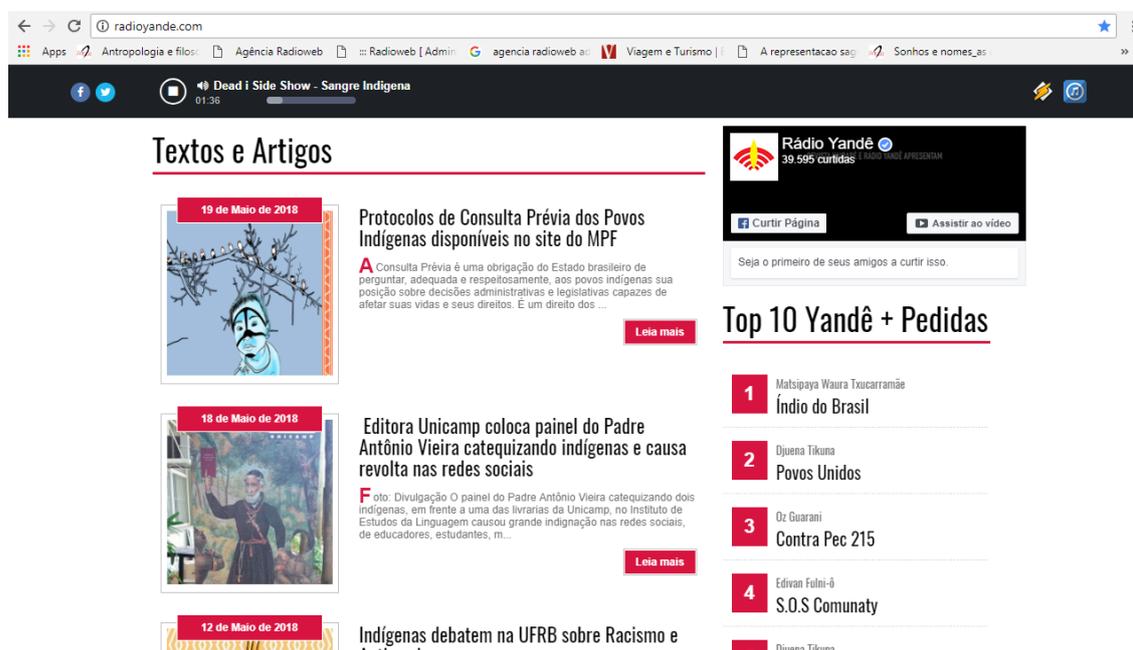


Figura 2: À direita, a coluna com as músicas mais pedidas da programação  
 Fonte: *Rádio Yandê*<sup>10</sup>

<sup>10</sup> Disponível em: < http://radioyande.com/>. Acesso em 10 de maio de 2018.

No Facebook e Instagram, os conteúdos das postagens da *Rádio Yandê* diferem daqueles publicados em textos e artigos que estão na website. Há uma quantidade maior de atualizações nas redes sociais realizadas diariamente, incluindo as repostagens de diversas fanpages que integram a rede comunicacional da webradio em âmbito nacional e internacional. As redes sociais digitais se tornam, o que Castells (2013) chama de espaços públicos híbridos, nos quais através da difusão de imagens, vídeos, mensagens, os usuários mobilizam debates e discussões com uma grande capacidade de autocomunicação na reapropriação tecnopolítica de meios e tecnologias hoje existentes. A cobertura do *Acampamento Terra Livre 2017* (ATL) realizada pela webradio no Facebook e, em especial, a postagem do vídeo do instante em que indígenas invadem o espelho d'água em frente à Esplanada dos Ministérios em Brasília, atingiu capacidade viral. O vídeo, gravado pela atual coordenadora da Yandê, Daiara Tukano, engajou milhões de visualizações e inúmeros comentários de indígenas e não indígenas.



**Figura 3: Postagem no Facebook que integra a cobertura do ATL 2017**  
**Fonte: *Rádio Yandê*<sup>11</sup>**

<sup>11</sup> Vídeo disponível na fanpage da Rádio Yandê:  
<<https://www.facebook.com/radioyande/videos/1171888952920744/>>. Acesso em 10 de maio de 2018.

Naquela semana, a postagem foi replicada mais de 59 mil vezes, tendo cerca de 1 mil 870 comentários, o que Castells (2013) chamaria de uma ação de autocomunicação, sem os intermediários das mídias de massa. Ao comunicar, produzindo e veiculando informação por uma visada exclusivamente indígena, tais sujeitos comunicacionais têm a oportunidade da representação política de suas identidades elaboradas em construções sociais, culturais e políticas, bem como em cosmologias, cosmogonias e visões de mundo. Stuart Hall (2016) diz que contamos a nós mesmos as histórias de nossas raízes para ter contato de um modo criativo com elas. Tecemos assim, uma relação com o passado composta por fios de memória e por fios de uma narrativa que, num ato de regaste, tentam ser recuperados culturalmente. Ser objeto de representação difere de ser sujeito dessa atuação, uma vez que esse nos privilegia com olhares e saberes não apenas sobre o local étnico, mas amplia reflexões e conhecimentos acerca de quem somos. As resistências estão nas redes digitais e na vida cotidiana, lugares onde se entrelaçam as práticas comunicativas sociais étnicas e têm a capacidade de elaboração do conhecimento não de cima para baixo, mas de forma horizontal. É no saber ouvir e dialogar que reside a construção de novos saberes, fundamentais para a compreensão dos *processos etnocomunicacionais* indígenas.

### **Etnomídia indígena: demarcando lugares comunicacionais**

A etnomídia indígena é definida por Anápuáka Muniz Tupinambá como a apropriação de linguagens artísticas, literárias, audiovisuais e multimidiáticas realizada por *sujeitos multidimensionais indígenas* para a produção de suas próprias narrativas<sup>12</sup>. Dessa maneira, a comunicação torna-se valorosa a partir do *multicultural*, da compreensão às alteridades sociais e culturais, através das quais novas humanidades possam crescer nesses espaços de compartilhamento e troca de informações. Dialogar a partir dos saberes, cosmologias, cosmogonias e filosofias do sujeito indígena é impedir que tais conhecimentos sejam reduzidos “a crenças inferiores do senso comum” (MALDONADO, 2013, p.95). São sujeitos que adquirem inúmeras possibilidades de realização experimentação e cultivo de suas habilidades, inteligências e modos de expressão via canais de inter-relação humana situados dentro de um espaço e de um

---

<sup>12</sup> Anápuáka Tupinambá fala sobre etnomídia indígena ao participar da Mekukradjá – Círculo de Saberes, que ocorreu no Itaú Cultural, em 6 de outubro de 2017. Disponível em: < <https://soundcloud.com/itaucultural/anapuaka-tupinamba?in=itaucultural/sets/mekukradja>>. Acesso em: 10 de maio de 2018.

tempo. E, inserido nesse, pensemos na existência de um *tempo indígena* como elemento comunicacional essencial da etnomídia indígena.

Para Daniel Munduruku (2016), a expressão refere-se ao tempo da natureza, e a natureza segue a sua lógica e responde às suas próprias necessidades. O tempo do corpo é o tempo da natureza e respeitar este tempo é oferecer ao corpo tudo o que necessita para viver em equilíbrio, fluindo nos movimentos que a própria natureza lhe desperta. Os Munduruku também não possuem em seu repertório a palavra “futuro”, cultivando somente “passado”, palavra que denota o “*tempo da memória*” e o “*presente*”, o “*tempo do agora*”. Compreensões que se chocam em uma sociedade global que tem seu tempo imposto pelo campo econômico-político de oligopólios transnacionais e monopólios nacionais que impõem seus arranjos, influências, estratégias, normas, acordos, contratos e o fluxo de mensagens pelos canais dos sistemas midiáticos pré-digitais (MALDONADO, 2013).

No entanto, a cidadania indígena brasileira vem sendo construída com muitas dificuldades e resistências. Para poder pensá-la, segundo Gersem Baniwa (2006), é preciso vencer concepções limitadas e etnocêntricas compreendidas como direitos e deveres comuns a todos os cidadãos que compartilham dos mesmos símbolos e valores nacionais, os sobrepondo arbitrariamente a diversidade de línguas, histórias e estruturas sociais de etnias. É preciso reconhecer o direito de diferenciação legítima que garanta igualdade de condições e que os permitam usufruir dos direitos, enquanto cidadão brasileiro, e dos direitos específicos relativos à sua própria cultura, riqueza de línguas, autonomia e autodeterminação, além de questões políticas, educacionais, territoriais e ambientais. Ter o direito de ser cidadão indígena no Brasil é poder ser ouvido, através de meios reconhecidos de participação política combatendo a tutela ainda exercida pela FUNAI, como instrumento de coação sobre os indígenas, desrespeitados como “grandes crianças” (CUNHA, 2012, p.115).

Consideramos que a atual reconfiguração midiática das culturas indígenas, que perpassa a etnomídia indígena, compromete-se com a cidadania comunicacional da qual nos fala Adela Cortina (2005), que deseja recuperar laços ancestrais de pertença, promover inter-relações múltiplas, o diálogo com bons sentidos culturais, bem como a necessidade de pensar em democracias sustentáveis para as comunidades. Na comunicação “nodal” da Rádio Yandê se conectam diferentes culturas com características sociais, culturais, políticas, econômicas, físicas e funcionais. A webrádio se coloca como um “*intercambiador*” comunicacional para Castells (1999, p.17), presente em ambiências

onde imbrica-se natural e urbano por uma tecnologia digital que vem redesenhando maneiras de habitar o mundo.

A *etnomídia indígena* proposta e realizada diariamente pela Rádio Yandê, deseja quebrar com a condição de subalternidade nas estruturas e subjetividades, que incluem o poder, o saber, o ser e o fazer, colocados por Erick Torrico (2016) como bases fundamentais de uma nova comunicação alternativa à esses povos originários, reinterpretando a história, promovendo o pluralismo epistemológico e a justiça cognitiva. É superar a ideia de desenvolvimento e subdesenvolvimento dos povos ameríndios. É reencontrar a comunicação encoberta, através da valorização das vozes ancestrais e seus saberes, refletindo a necessidade de conhecermos, cada vez mais, o nosso próprio pensamento latino-americano. É uma comunicação “alter nativa”, que significa um “outro nativo”. É ouvir e dialogar com a própria voz do cidadão indígena que necessita, através de uma comunicação de libertação, romper com a repressão, silenciamento, invisibilidade e subjugação e colonialidade, projetando um futuro de uma humanidade recomposta, recomunicada e liberta.

## Referências bibliográficas

CARNEIRO DA CUNHA, M. **Índios no Brasil: história direitos e cidadania**. – 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p. 23- 45 (cap.1); p. 86- 116 (cap. 4); p. 117- 156 (cap. 5); p. 175- -177 (cap. 7).

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões - (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do Mundo: uma teoria para cidadania**. São Paulo: Loyola, 2005.

FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998. Cap 7- Cultura híbridas, poderes oblíquos. p. 283-372.

HALL, Stuart; CERNICCHIARO, Ana Carolina (Trad.). **Etnicidade: identidade e diferença**. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v.11, n.2, p. 317-327, jul/dez. 2016

- KRAPP, Peter. **Noise Channels: Glitch and Error in Digital Culture**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2011. pgs IX – XX.
- MALDONADO, Alberto Efendy. **A perspectiva transmetodológica na conjuntura da mudança civilizadora em inícios do século XXI**. In: MALDONADO, A. E.; BONIN, J. A.; ROSÁRIO, N. Perspectivas metodológicas em comunicação: Novos desafios na prática investigativa. Salamanca: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2013, p.31-57
- MARTÍN-BARBERO, J. **Divergência em convergência**. Revista Matrices. V.8 – Nº2 jul/dez 2014 São Paulo, p.15-33.
- MATTELART, Armand. La comunicación masiva en el proceso de liberación, México, 7ª.ed. Siglo XXI, 1980.
- MILLS, Charles Wright. **Do artesanato intelectual**. In: A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. P.211-243iglo XXI, 1980.
- MUNDURUKU, Daniel. **Memórias de um índio: uma quase autobiografia**.1. Ed. – Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.
- PAPPIANI, Angela. **Programa de Índio: criando uma ponte sonora entre as culturas**. Revista Novos Olhares - Vol.1 N.1 São Paulo.
- PRATA, Nair. **Panorama da webrádio no Brasil**. Trabalho apresentado na XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Manaus, AM – 4 a 7/9/2013.
- SALAVERRÍA, Ramón. **Multimedialidade: informar para cinco sentidos**. In: CANAVILHAS, João. (Org). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã, Livros Labcom, 2015.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Revueltas de Indignación y otras conversas**. Bolívia: Stigma, 2015
- SANTOS LUCIANO, Gersem dos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- TORRICO VILLANUEVA, Erick R. **Hacia la Comunicación decolonial**. Serie Integrar. Volumen Nº2. Sucre, Bolivia: Universidad Andina Simón Bolívar (UASB), 2016.

